

Uma investigação sobre o fazer musical da Festa da Folia de Reis São Francisco de Assis da cidade de Carmo do Cajuru-MG.¹

José Alfredo Oliveira Debortoli - EEEFTO/UFMG
Sônia Cristina de Assis - ESMU/UEMG

Resumo

O presente estudo aborda uma etnografia sobre a festa da Irmandade Folia de Reis São Francisco de Assis da cidade de Carmo do Cajuru – MG/Brasil. Nessa prática, o que primeiramente chama atenção é a paisagem que dimensiona seus rituais no tempo/espaço com os cantos e os instrumentos, encadeando um entrelaçamento de vozes humanas e não-humanas produzindo efeito e afetando o mundo através do som. Os praticantes dessa prática social são conhecidos por foliões, sendo eles, os embaixadores que expressam cantos sagrados em poesias, o coro que responde com vozes sobreposta e os palhaços que divertem a folia com danças e brincadeiras. Nesse local sagrado, o sentido de pertencimento dos instrumentos sonoros (acordeons, violões, violas, cavaquinhos, reco-reco, caixas, pandeiro e dourados) é reforçado pelo seu engajamento com os cantos, a reza, a dança e a devoção aos santos. Assim é arranjada a sonoridade da Folia de Reis. Nessa paisagem as coisas pulsam e se relacionam quando as pessoas se afirmam, dando respostas pela música e pela dança, pelos versos e pelos cantos, pelos ritos e pelos sentidos. Assim, a antropologia e a etnomusicologia tornaram-se, metodologicamente, o caminho para análise dessa festa, buscando envolver a relação de elementos como a sonoridade (moldura sonora), os cantos e os instrumentos (música), as danças (corporalidade) e os sentimentos (religioso).²

Palavras chave: Socialidade, Etnomusicologia, Festa.

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

² Este texto foi elaborado no processo de desenvolvimento do projeto de doutorado, com o tema “*Música e dança na Festa de Reis em Carmo do Cajuru - MG: Uma etnografia construída no envolvimento com pessoas, instrumentos e sonoridades*”, desenvolvido no PPGEL/EEFFTO-UFMG.

Abertura

Na Festa da *Folia de Reis São Francisco de Assis*, nas ruas de Carmo do Cajuru, em Minas Gerais, buscamos compreender o lugar e o sentido que os objetos sonoros produzem neste contexto, e os processos singulares da vida cultural. Seguimos pessoas, caixas, sanfonas, dourados sempre em movimento; o que, também, nos colocava em movimento. Acompanhá-los, nos possibilitou um vínculo singular com as pessoas, em seus contextos, envolvidas na *performance* musical, num tempo e lugar que emerge fluxos musicais, sentimentos e comportamentos variados. Nesse entrelaçamento deparamo-nos com ritos, cantos, ritmos e gestos corporais em uma jornada que é ajustada ao horário de trabalho de seus integrantes. Na Folia de Reis São Francisco de Assis a viagem diária tem hora para começar, mas não para terminar. Em Carmo do Cajuru a Folia transforma o ritmo da cidade quando sua sonoridade convida a vizinhança a se envolver, produzindo laços entre foliões e devotos. Pelo toque das caixas, pelos acordes lançados pelas ruas da cidade junto à cantoria, a folia vai deixando seu rastro sonoro transformando a paisagem da rua.

Da meia-noite do dia 24 de dezembro até o dia 6 de janeiro, as Falias circulam, deslocam-se de casa em casa com sua cantoria, recriando seus versos sobre o nascimento do menino Jesus. A narrativa consta sobre a história dos Três Reis do Oriente que foram visitar o Menino Deus, levando presentes como ouro, incenso e mirra. Na prática musical, dois palhaços mascarados acompanham a folia com uma sacola vermelha para guardar esmola e um instrumento sonoro conhecido como *Dourado*, sendo esse uma espécie de cajado que é utilizado na marcação das músicas e nas apresentações de danças. Os palhaços representam o Rei Herodes que pretendiam matar o menino Jesus, por esse motivo eles nunca beijam a bandeira e nem se aproximam do presépio dentro das residências.

Os papéis ritualísticos na Folia de Reis são hierarquizados entre si, sendo o papel dos embaixadores o mais elevado, pois são quem detêm conhecimento dos cantos de presépio, conduzem as ações do grupo e coordenam todo tipo de situação. Os embaixadores possuem grande poder de decisão que também passa pelo poder espiritual, apoiado no conhecimento ritual, no chamado fundamento, manifestando-se na forma de invocações, bênçãos, cantos, ritos e rezas. Segundo Chaves (2003), algumas folias recorrem ao uso de segundo embaixador, que ocupa uma posição abaixo do primeiro e

tem também grandes responsabilidades no grupo, além de conhecer o repertório para acompanhar a cantoria (CHAVES, 2003, p. 32).

Em meio a este acontecimento temos uma prática profundamente ligada à experiência do sagrado. Estudos em etnomusicologia sustentam que a música é uma experiência e o fazer musical é considerado uma ação, que pode gerar outros tipos de ações, sendo a *performance* musical um sistema de interação (BLACKING, 2007). Conforme Blacking, para nos aproximarmos da compreensão de um sistema musical, é necessário compreendermos como é arranjada a produção de sentido e englobar nessa produção os ouvintes, pois esses também fazem parte do fazer musical.

Nessa perspectiva, a Folia de Reis se faz viva por ter quem a receba, seja na rua ou dentro das residências o encontro promove sempre um fazer musical. Os devotos dos Reis do Oriente são inseridos no ritual da Folia de Reis quando participam pagando promessa, doando ofertas, pedindo danças ou agradecendo promessas. Por meio da experiência de ser folião e devoto é que compreende-se os símbolos e ritos, tendo como mediação a música, que é entendida, incorporada e assimilada pela ação do fazer musical.

A pesquisa de campo: uma jornada de envolvimento

Iniciamos o trabalho de pesquisa no encontro de Folias ocorrido na cidade de Carmo de Cajuru em dezembro de 2014. Posteriormente participamos das jornadas da Folia em dezembro de 2014 a janeiro de 2015, como também de dezembro a janeiro de 2016. Realizamos vários encontros com os embaixadores para coleta de dados e entrevistas. Porém, antes de acompanharmos as jornadas da Folia em 2014 construímos, no mês de novembro a dezembro de 2014, uma caixa de folia com o artesão e folião Seu Nego. Essa experiência nos proporcionou entender a materialidade que atravessa as festas de Reinado e Reisado da cidade.

O modo de confecção da caixa foi vivido passo a passo a cada encontro, um processo de produção de caixa que permitiu revelar o artesão folião Seu Nego. O motivo inicial que nos levou a cidade de Carmo do Cajuru, antes mesmo de saber sobre a Folia de Reis, foi conhecer corporalmente e registrar a técnica de confecção das caixas desse artesão. Um “momento etnográfico”, que segundo Strathern (2014), é um período de conhecimento ou discernimento que consiste na relação entre imersão e movimento.

O momento etnográfico é uma relação, assim como um signo linguístico pode ser pensado como uma relação (ao juntar significante com significado). Poderíamos dizer que o momento etnográfico funciona como exemplo de uma relação que junta o que é entendido (o que é analisado no momento da observação) à necessidade de entender o que é observado no momento da análise. (STRATHERN, 2014, p. 350)

Para Strathern (2014), quando estamos em campo nos rendemos às preocupações dos outros e assim entramos em relação com as pessoas. Para a antropóloga o campo é um movimento de ser tomado de surpresa pelas relações, pela realidade que pode surpreender a teoria. Por isso a importância de assumirmos posturas reflexivas para que possamos viabilizar cada encontro com as realidades compartilhadas.

Imersos na pesquisa acompanhamos e filmamos as jornadas. Entrevistamos embaixadores, palhaços, músicos e registramos várias histórias sobre a Folia de Reis São Francisco de Assis narradas e apresentadas por Dona Ana, companheira do artesão Seu Nego. Essas narrativas nos deram suporte para compreendermos e apreender muitos dos significados presentes nas danças, nas canções, nos comportamentos, nos sentimentos e nas expressões dessa prática social. Por intermédio da narração e do relato oral, gravados em vídeo e áudio, pudemos trazer à tona uma sistematização baseada na qualidade.

O registro de vídeo tornou-se parte indissociável do diário de campo³. Assim, pudemos sistematicamente recorrer e entrelaçar imagens e observações, pautando experiências de entendimento da prática musical, das entrevistas e da confecção da caixa. Revisitar as imagens possibilitou apreender nuances às quais, muitas vezes, não foi possível abranger no ato da filmagem ou quando era captada pelo gravador de áudio, como detalhes sobre a expressão e execução musical dos instrumentos, das frases musicais dos cantos e dos movimentos das danças.

O registro fotográfico foi tomado como elo do processo de observação e não apenas como um “produto” sobre os rituais da Folia de Reis⁴. A produção de imagens sobre as jornadas ou sobre a confecção da caixa de folia teve a intensão de enfatizar as relações que entrelaçavam as histórias das pessoas, dos objetos e do contexto. Ao registrarmos sua expressão, como prática musical, tínhamos em mente observar, viver,

³ Utilizamos um gravador portátil Zoom H1 e uma câmara Canon de vídeo HD.

⁴ Para essa pesquisa, os integrantes da folia autorizaram fotografar e filmar as jornadas da folia de reis como também as conversas/entrevista. Os mesmos assinaram, em duas vias iguais, o termo de consentimento livre e esclarecido TCLE, ficando uma cópia com cada integrante e outra cópia com a pesquisadora.

sentir, conhecer e entender a situação que nos arrebatava, indo além de uma noção de coleta ou captura de imagens como um recorte da realidade⁵. Buscamos, assim, perceber a maneira como os foliões e seus materiais se relacionam em meios aos gestos e aos movimentos.

Fazer a festa juntos: uma jornada de saberes e encontros

Um fazer junto para comemorar acontecimentos que necessitam ser lembrados.

As jornadas da Folia na cidade de Carmo do Cajuru é uma manifestação que atrai um público específico da cidade. São pessoas que, de certa forma, tem vínculo com o Reinado ou Congado, que é também uma festa marcante nessa região. É necessário esclarecer que as Festas de Reinado e Reisado não são regidas pelo entretenimento, mas pela devoção, nesse sentido não é um espetáculo. Outro aspecto que a torna específico é o fato que dificilmente saberemos do seu acontecimento, pois a divulgação é local e entre seus pares, assim, para se ter acesso a essas festas é necessário algum contato com seus integrantes. Porém, em Carmo do Cajuru, pessoas de escuta atenta são atraídas pela sonoridade que as fazem ir para a rua prestigiar os foliões em jornadas, que traçam e deixam rastros.

Na Folia de Reis, cada folião desempenha seu papel e função: uns carregam a palavra cantada que será proferida e outros carregam os gestos que serão manifestados. Da mesma maneira comunicam os instrumentos que se integram ao ritual, uns pela sonoridade e outros pela simbologia como bandeira e lenço. Nesse acontecimento todos seguem o andamento da ordem de ações internas aos ritos. Essa é a comemoração da Festa da Folia de Reis São Francisco de Assis ao nascimento do Menino Jesus, que promove o compartilhamento, a doação, a devoção e o recolhimento. Entretanto, dia de Festa de Reis é dia de muito trabalho na irmandade: um participar e fazer junto para comemorar acontecimentos que reclamam ser lembrados e podendo assim permanecer com sua organização e vigor.

⁵ Com o material em vídeo também elaboramos dois curtas-metragens (documentário) com sentido etnográfico: um sobre a Folia de Reis (<https://www.youtube.com/watch?v=-uLnVc42WtU>) e outro sobre o artesão folião Seu Nego.

- *Do Velho Arraial, memórias e saberes*

Carmo do Cajuru está localizada no Centro-Oeste de Minas Gerais, foi fundada pelo capitão Manoel Gomes Pinheiro, vindo de Nossa Senhora do Desterro, por volta de 1815, quando pediu licença ao imperador Dom Pedro I para erguer a Capela de Nossa Senhora do Carmo, cuja provisão data de 16 de agosto de 1823. O nome Cajuru, foi dado para a Fazenda de Manoel Gomes, consta em documentos datados de 1785, e dava nome também ao Morro do Cajuru, atual Morro da Cruz, localizado à margem direita do Ribeirão do Empanturrado. Em 1834, a Câmara Municipal de Pitangui criou o distrito de Cajuru, quando passou a ter cartório e juiz de paz⁶. Diomar (2000) relata que na época do velho arraial do Carmo do Cajuru, a rabeca, parecido com um violino, porém mais rústico, fazia parte da folia. Por volta de 1940 existia uma rivalidade entre os grupos de Folia de Reis em Carmo do Cajuru, nessa época quando os grupos se encontravam nas ruas o embaixador de cada folia desafiava a outra jogando versos de improvisos.

Antes da existência da Cidade de Carmo do Cajuru já existia a Folia de Reis no velho arraial, conhecido como Morro do Cajuru, no período entre o Natal e o dia de Reis. Nesses dias os *foliões* saíam às ruas dançando e tocando seus instrumentos. O nome, Irmandade São Francisco de Assis é uma homenagem ao Padre Francisco quando era pároco na cidade (que atualmente reside na Igreja Santana em Itaúna). Outra homenagem é feita a São Francisco de Assis por ser a primeira pessoa a montar um presépio.

Na festa, a comunhão e o sentido enfatizam experiências de coletividade. A cada ano o festejar se repete, afirmando e dando sentido às práticas e aos saberes, constituindo engajamentos expressos em danças e cantos, como formas de *socialidade* inscritas em rituais que mantêm uma coesão comunitária, revivendo uma memória e uma narrativa compartilhada.

- *A presença dos objetos sonoros da Folia*

Dentre os instrumentos da folia o acordeon exerce o papel de instrumento guia comunicando e mediando ações sobre o fazer musical na Folia de Reis. O acordeon de oito baixos é responsável em proporcionar o momento exato de início de um canto, pois sua sonoridade forte prepara os foliões para cada refrão/resposta, como também,

⁶ Retirado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Carmo_do_Cajuru.

anuncia a finalização da música para que todos os músicos, juntos, realizem o fechamento. Uma tarefa de grande responsabilidade para o sanfoneiro que precisa estar completamente envolvido com o grupo. Nessa prática a sanfona é considerada “primeira guia” e as caixas “segunda guia”, as sanfonas pela sonoridade potente na condução da marcação melódica e as caixas por determinar o andamento da música.

Assim presenciamos: o acordeon direcionando a folia pela música dando entradas, tom e mediando todo o fazer musical, da mesma forma as caixas vão cumprindo seu papel intercedendo nas relações entre ritmo e melodia. No ápice da performance o que os foliões evitam é uma “enxurrada”, que significa o desequilíbrio musical entre caixas, sanfonas e canto.

Durante a Folia, os foliões cantam, tocam e dançam, constituindo um rico ambiente onde os instrumentos sonoros são profundamente significativos. Na interação com os foliões os instrumentos se estendem ao corpo e a voz, se conectando e se relacionando com o grupo⁷. Nesta relação entre pessoas e instrumentos musicais entendemos ser possível compreender não só a música e sua função, mas as relações de envolvimento dos Foliões. Deste modo, ambos em movimento constituem os sentidos do que é vivido gerando efeito no mundo, atravessando a cidade, avisando os moradores com seus cantos e as danças. Assim, a “materialidade sonora” vai compondo a folia em cada movimento, cantando histórias em versos de entrelaçamento e participação social.

Em um percurso: atentos para que nenhuma casa fique de fora

A folia é aberta na residência do folião e artesão, *Seu Nego*, que confecciona máscaras, caixas e dourados e é o guardião dos instrumentos dos músicos foliões e dos palhaços. Antes de ser iniciada a abertura da folia para sair em viagem, os foliões realizam o primeiro ritual: presenciamos o almoço, o alimento do corpo indispensável para cumprir tantas horas de jornadas pelas ruas da cidade. A casa do Seu Nego se enche de conversas, risadas e “causos” nesses momentos agradáveis que antecedem a abertura. Nesse ritmo

⁷ Na Irmandade da Folia de Reis São Francisco de Assis encontramos um repertório instrumental bem significativo. Sobre a organologia desses instrumentos utilizamos o texto “Questões de uma Antropologia Sonora”, de Tiago O. Pinto (2001, que apresenta a sistemática de Erich M. Von Hornbostel e Curt Sachs de 1914. Na Folia de Reis São Francisco de Assis encontramos quatro classificações organizada pela antropologia sonora, sendo os Idiofones, Aerofones, Cordofones e Membranofones, esses serão apresentados contextualizando seu papel e função em nossas investigações.

festivo os foliões localizam seus instrumentos e se dirigem para o terreiro para afiná-los, tendo o som da sanfona como referência. O embaixador, detentor dos fundamentos da Folia de Reis é quem desenrola a bandeira cuidadosamente: ajoelha-se, beija bandeira, gira por sobre a cabeça, se benze e a entrega nas mãos do bandeireiro. Depois de prestadas reverências à bandeira o primeiro acorde é feito pelo embaixador na sanfona para comunicar a abertura da Folia. Pela música eles se comunicam, não se usam falas para iniciarem a abertura da folia, tudo é percebido pela sonoridade, pelos gestos e pelos sentidos. Em seguida todos cantam e rezam para a bandeira pedindo que nada de mal aconteça durante a jornada.

O percurso vai se constituindo de forma atenta para que nenhuma casa fique fora da jornada. Toda casa visitada tem um presépio e nesse recinto a visita pode se prolongar por longas horas de cantoria e devoção. É dentro das casas que acontece o ritual de visita ao presépio que inicia na porta da casa do devoto. Para atingir seus objetivos a Folia segue uma movimentação, primeiro ela canta e toca em frente à casa do devoto para anunciar sua chegada, os quais já estão preparados para abrir o portão. A bandeira guia é quem entra primeiro preparando o ambiente com sua energia e força, ancorada nas imagens do Menino Jesus, José, Maria e os Reis do Oriente, protegendo os foliões tanto no nível material quanto espiritual. Com a autorização da dona da casa o embaixador entra cantando e atrás dele toda folia o acompanha. O folião com a bandeira se posiciona ao lado do presépio e o embaixador se coloca em frente e o abençoa com seus versos sagrados. Ao seu redor acomodam-se os foliões tocando acordeons, sanfonas, violões, viola de dez cordas, cavaquinhos, caixas, reco-recos e pandeiros.

O canto do embaixador, desde a entrada da porta da casa até a o fim da saudação, dura em média 30 minutos. São histórias que revelam a vida de Cristo, homenageia o dono da casa, adora os Reis do Oriente e a Santíssima Trindade. Durante todo o ritual os foliões cantam, dançam e tocam aliando a fé, o festejar, a oração coletiva, o riso e a brincadeira em um momento único de alegria que se recebe graças ou as agradece. Percebemos que o corpo dos foliões absorve entendimentos musicais, simbólicos, cosmológicos, uns mais que outros, pois depende da função de cada um no grupo, do seu engajamento e convívio. Presenciamos que a inserção de muitos foliões acontece por influência de seus antepassados, como tocar o mesmo instrumento do pai ou do avô.

Associação de pessoas, adereços e instrumentos nos processos sociais

Os estudos de Daniel Bitter (2008) ressaltam o modo como os objetos da Folia de Reis estabelecem mediações entre domínios sociais e cosmológicos diversos, adotando os objetos materiais como ponto de vista para observar essas relações⁸. No interior das casas ocorrem as trocas cerimoniais tais como o momento quando a bandeira é recebida, no canto das profecias, das ofertas, das despedidas e dos agradecimentos. A bandeira, feita de tecido com a pintura da Sagrada Família, é reverenciada na abertura, no fechamento, nos cantos e em frente ao presépio. O canto dos versos consagrados inicia-se assim que o embaixador se encontra em frente ao presépio. Ele canta e a folia responde em forma de coro, sendo esses versos história do nascimento do menino Jesus e a visita dos Reis do Oriente. Nas mãos do responsável em receber a Folia, integrante da casa, a bandeira é levada para o interior da moradia, cômodo por cômodo da residência ela vai benzendo, curando o ambiente e as pessoas⁹.

O lenço de proteção

Passado por detrás do pescoço e caindo sobre o peito, o lenço branco de aproximadamente um metro e meio de comprimento é utilizado por todos os foliões. O lenço ou toalha é enfeitado com bordados e rendas nas pontas. Sua simbologia, em algumas folias, está associada a história dos Reis do Oriente quando foram deixar presentes ao Menino Jesus, recebendo em troca um pedaço do manto de Maria, que foi dividido em três partes e distribuído aos Reis visitantes. O embaixador narra sobre a origem da toalha contando um episódio da vida de Jesus Cristo ao deixar esse mundo. Também associado ao manto de Maria que foi usado para enxugar o rosto de Jesus depois de ser crucificado. Para o embaixador esse ato torna a toalha um objeto sagrado para a folia, pois representa o início, o fim, a ressurreição e a vida nova.

As andanças pelas ruas da cidade expõem os foliões aos perigos do mundo físico e também do mundo espiritual. Ter o lenço próximo ao corpo une o grupo e os

⁸ Buscamos enfatizar a importância relacional que os objetos promovem dentro do fazer musical da folia, mais especificamente nas danças, revelando-se em acordes, vibrações e musicalidade. Como interação com o cotidiano da vida da população, a música na e da Folia de Reis, que flui do encontro dos *Palhaços* e seus Dourados, irá mediar as relações, colocando pessoas e instrumentos em movimento e jornadas. Por isso, com o sentido proposto por Tim Ingold (2015, p. 67), assinalamos que *coisas e pessoas* expressam-se e se revelam em música.

⁹ Um anfitrião experiente pode colocar enfeites na bandeira como fitas e rosas de agradecimento, respeito ou gratidão pela visita da Folia. Este gesto simbólico enaltece toda a Folia que em contrapartida canta versos de agradecimento.

protege de alguma desarmonia. Nesse sentido, como ressalta Chaves (2014), o lenço é carregado de fundamento e é um importante signo visual que distingue os foliões dos demais envolvidos (CHAVES 2014, p. 81). Na Folia de Reis São Francisco de Assis as toalhas são também colocadas sobre os acordeões, nos braços dos violões e violas e nas caixas. Somente os palhaços as usam por debaixo do capacete cobrindo suas cabeças. A indumentária da Folia consta de sapato social preto, calça preta e camisa de malha cinza clara ou verde. Nas costas constam os dizeres, “Folia de Reis São Francisco de Assis – Carmo do Cajuru – MG. Na frente da camisa há a impressão da imagem de São Francisco de Assis com seu nome abaixo. Todos os foliões, menos os embaixadores, usam chapéu de aba de diferentes modelos.

Os palhaços e seus dourados

O Dourado está associado aos Palhaços da Folia de Reis. Segundo os embaixadores da Folia esse instrumento foi feito para compor a *performance* dos palhaços e chamar a atenção das pessoas para esses atores. O dourado é usado para acompanhar a marcação rítmica da folia e a realização de danças. Esses foliões saem às ruas vestidos com um macacão florido, um saquinho de pano pendurado na cintura para guardar as esmolas, uma máscara cobrindo o rosto, um capacete em forma de cone e o dourado em mãos. Esse último é fabricado por uma vara de bambu que mede aproximadamente dois metros de comprimento. O que primeiramente desperta a atenção para essa materialidade é o seu tamanho e em seguida sua sonoridade. Sua forma traz uma peculiaridade única devido aos materiais de que é composto, constando na extremidade superior do bambu uma abertura vazada de aproximadamente dez centímetros de comprimento, neste espaço encontram-se platinelas presas e amarradas no bambu por um arame. Na extremidade inferior do dourado é fixada uma grossa borrada que amortece e protege o bambu das pancadas no chão, para que este não sofra dano, ao mesmo tempo, as pancadas agitam as platinelas que ressoam por todo o bambu, produzindo uma sonoridade aguda e bem definida.

Nos estudos etnomusicológicos, sobre organologia dos instrumentos musicais, o dourado é categorizado como um idiofone, ou seja, o próprio corpo do instrumento vibra para produzir o som sem a necessidade de nenhuma tensão, neste caso, quando os dourados são golpeados no solo. A utilização desse instrumento sonoro vem

acompanhado pelo movimento corporal do palhaço, que pode ser um balanço lateral na cadência da música ou um impulso vertical ou saltos no mesmo lugar. Dessa maneira eles participam, ora marcando o tempo forte da música, ora acompanhando a célula rítmica das caixas e sanfonas.

Nas Folias de Reis é comum os palhaços usarem um cajado ou bastão de formas e tamanhos diferentes, porém, sem a intenção de ser um instrumento sonoro. A peculiaridade do dourado na forma e no som o torna uma materialidade marcante e única, encontrado somente na Folia de Reis São Francisco de Assis. Quando os dourados não estão ressoando suas platinelas eles participam de ações que diversificam funções e significados no ritual da folia. Presenciamos, no pagamento de promessa de devotos, os dourados e palhaços em posição de respeito, em seu silêncio, evocando atenção e prontidão.

A figura dos palhaços vai ditando o desenvolvimento da folia. Eles são responsáveis por não deixar a folia “presa”, parada por muito tempo, no momento em que as pessoas trocam esmolas por cantos e danças. Alguns devotos gostariam de ter a folia somente na porta de sua casa e para prendê-la basta dar esmola com moedas de pequeno valor. Para o embaixador, uma pessoa pode segurar a Folia dando cinco reais em pratinhas de cinquenta centavos, seja pedindo uma música ou uma dança. Esse procedimento atrasa a jornada da folia que poderia estar cantado para outras pessoas nas portas das casas ou no presépio, por isso os palhaços precisam ser ágeis e mostrar toda sua experiência nas brincadeiras e interação com os devotos. A função dos palhaços, além de arrecadar várias moedas de agradecimento pelo canto ou dança, é promover o desenvolvimento da *performance* com perspicácia. Assim, sua atuação possibilita, por um lado, que os embaixadores cantem para mais pessoas e, por outro, que ele economize sua voz.

A atividade desses atores acontece na rua, em um terreiro ou na sala de visita de algum devoto, porém, nunca diante de um presépio. Durante a adoração ao presépio a presença dos palhaços é proibida no recinto e somente depois dos embaixadores saudarem o presépio é liberado a circulação dos palhaços na casa. Quando o embaixador está cantando para o presépio, os palhaços se posicionam distante da folia, quase sempre ficam na rua dançando e brincando com as pessoas. O entendimento dessa conduta perpassa pela organização da Folia que se baseia no mito narrado pelos embaixadores. Os palhaços,

segundo os embaixadores¹⁰, representam o Rei Herodes que tinha intenção em matar o Menino Jesus e para não ser reconhecido utilizou-se de uma máscara para visitá-lo, mas no presépio a estrela ficou sem luz.

Esse mito a anos é cantado/narrado e representado pelos foliões na festa da Folia de Reis, quando a história se torna ação, concebido pelo rito que contempla a representação, os cantos e seus personagens. A partir do momento que o mito foi revelado para essa pesquisa e posteriormente a explanação dos embaixadores sobre o significado e função dos palhaços, foi possível ampliar o entendimento sobre alguns símbolos e representações presentes no ritual da Folia de Reis. Os palhaços, ao mesmo tempo em que respeitam as regras e as hierarquias, desmistificam o ritual, com algazarra e brincadeiras criticam e elogiam as pessoas. Eles têm a força de representar o povo e dizer a verdade, assim agem politicamente na festa equilibrando o sagrado com o profano.

As danças

No contexto da prática musical da folia, à dança dos palhaços emerge por um entendimento mais intenso que perpassa pela técnica, pela arte e, com um olhar mais aguçado para a experiência social. Para Mauss (2003) o ato tradicional ou uma técnica eficaz não difere do ato mágico, religioso e simbólico, sendo essa consideração importante para nossos estudos. Nesse sentido, as danças dos palhaços expressam uma corporalidade que se revela em um conjunto de gestos, ritmos, passos e tempos, um corpo que se ajusta numa intencionalidade de movimentos e sentido vividos.

- *Dança Cobra Coral*

Depois da folia ter cantado por um bom tempo, a senhora dona da casa, que participava da performance segurando a bandeira e pedindo cantos, solicitou aos palhaços que dançassem a dança Cobra Coral para o marido. Esse, pela idade avançada, participava sentado em uma cadeira ofertando esmolas com muita alegria. As caixas puxaram o ritmo e o acordeão iniciou à música.

¹⁰ A Folia de Reis São Francisco de Assis é constituída por dois embaixadores, sendo Geraldo Ferreira (Subio) e José Geraldo Duarte (Zé da Ana), os quais exercem a mesma função sem uso de hierarquia, como primeiro e segundo embaixador.



Figura 1- Palhaço dançando por sobre o dourado.

A dança Cobra Coral inicia com um dos palhaços dançando por toda a extensão do dourado, que se encontra no chão, com as pernas cruzadas. O outro palhaço com seu dourado em mãos acompanha a dança do colega, até que, inesperadamente, utiliza seu dourado para empurrar o dourado que está no chão. Feito isso, o palhaço dançarino acaba pisando no seu dourado e cai no chão. A estratégia de derrubar o companheiro no final da dança tem como finalidade encurtá-la, pois ficando o dourado no chão, sem a devida proteção, um espectador atento pode roubar o dourado e entregá-lo para a folia somente depois de horas de cantoria, sem custo nenhum, ou seja, sem pagar pela cantoria. O devoto, de posse do dourado, pode exigir que os palhaços dancem para ele, lhe faça agrados em versos, elogios e só depois de satisfeito é que ele devolve o dourado para o palhaço desatento. São aventuras como essas que fazem da Folia de Reis uma prática social consistente de religiosidade, de leveza, de alegria, de jogo e de arte.

Essa música de compasso binário, é marcada pela batida das caixas dentro de um andamento ligeiro e alegre que exige dos dançarinos uma boa forma física e resistência. Segundo o embaixador, esse é o único momento na Folia que o ritmo da sanfona muda, ou seja, quando os palhaços estão dançando por esmola.

- *Dança Moçambique*

Outra dança que os palhaços são solicitados a realizar é o Moçambique. A dança faz parte de outra prática musical conhecida em Minas Gérias como Reinado Mineiro. Essa imbricação de práticas é comum dentre as tradicionais em Minas Gerais,

pois muitos dos integrantes da Folia de Reis participam como integrantes da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, sendo essa festa de responsabilidade do Embaixador Zé da Ana. Para dançar o Moçambique o toque da caixa e o ritmo da sanfona é modificado. Na Dança Moçambique, os palhaços além de dançar cantam uma música composta da frase “Chorou, chorou o sabiá”. Nela, a postura corporal dos palhaços é modificada, os pés batem no chão como se estivessem tocando gungas¹¹, e assim os palhaços modulam o corpo e chamam o moçambiqueiro.



Figura 2- Os dançarinos repicando os pés no chão como que usando gungas.

Ao ritmo das caixas, que agora repicam, os palhaços moldam seus corpos dançantes para realizar a dança Moçambique, de maneira que seus ombros se curvam para o chão e seus joelhos são ligeiramente flexionados, para assim buscar o moçambiqueiro. Outros significados são articulados ao corpo dos palhaços dançarinos retratando os tempos de escravidão do povo negro no Brasil. O canto é repetido duas vezes pelos palhaços, em seguida a folia responde também repetindo a mesma frase. A habilidade dos palhaços em cantar e dançar e o entendimento sobre significados que transitam entre as práticas é adquirido na esfera do fazer coletivo. Saber cantar e dançar e saber o que cantar e dançar nos momentos apropriados, emerge a pessoa dançarina, palhaço, folião ou moçambiqueiro. Nesses percursos são construídas narrativas que tecem significados e

¹¹ Gungas são idiofones (instrumentos tocados por agitação) compostos por recipientes metálicos, cheios de sementes ou esferas, presos em tiras de couro. As gungas são usadas nos tornozelos do tocador, que por sua vez dança/sapateia com eles.

caminhos os quais os possibilitam vestir-se palhaço, mascarar-se e fazer do dourado um instrumento que dialoga com o ambiente, com os sons e as pessoas. São pelos atos carregados de vida que esses palhaços fazem suas histórias e se fazem foliões.

- *Dança da Jaca*

A *dança da Jaca* consiste de uma ação em que cada palhaço, dançando, bate seu dourado no do companheiro no momento em que a folia está cantando para um devoto. Nesse caso, a dança é realizada na rua, em frente à casa do devoto. Essa dança acompanha a pulsação da música e seu objetivo é o encontro dos dourados, sendo que ora batem a parte inferior e ora a parte superior.



Figura 3- Palhaços chocando seus dourados e saltitam.

Os corpos que conduzem os dourados dançam em compasso binário e no contratempo do segundo tempo chocam seus instrumentos ao mesmo tempo que saltitam. A dança da Jaca é realizada em um movimento circular em que os palhaços dançam girando, um de frente para o outro, tendo os pés como apoio e marcação. No andamento binário, os pés marcam o tempo alternando entre pé direito e esquerdo, e ao mesmo tempo que giram, chocam seus dourados, sempre no contratempo da música. O gesto de colisão dos dourados vem acompanhado de sentido expressivo, ou seja, os dançarinos se revelam para o Outro quando demonstram sua habilidade gestual e rítmica, através de um movimento artístico e criativo. A dança é uma forma de homenagear aquele que sai à rua

para ver e sentir a folia. É por meio do gesto que os dançarinos se reconhecem e se firmam no grupo como pessoa, folião e palhaço.

A dança da Jaca é realizada pelos palhaços dançarinos espontaneamente, sem necessidade de receber esmola. Como as outras danças, essa se insere na Folia com muita graça, uma poesia em forma de movimento que enfeita e celebra o momento sagrado dos foliões e dos devotos. Mas, mesmo depois de dançar espontaneamente para os devotos, no término da dança, os palhaços se voltam para o devoto direcionando suas sacolas de esmola aberta, num gesto de angariar esmola. Depois voltam acompanhando a música da Folia com os dourados, agora chocando-os no solo.

- *Dança Moinho*



Figura 4 – Os palhaços se abraçam com seus dourados e dançam.

Como a dança da Jaca, a Moinho é realizada espontaneamente pelos palhaços durante a performance da Folia. Essa dança consta de um gesto o qual representa a união dos dançarinos atores. Nela os palhaços se abraçam e dançam com seus dourados cruzados entre eles formando um X. Os dourados ao mesmo tempo que determina um limite entre os corpos também os aproxima, um elo de entendimento e de permissão que somente os palhaços experimentam. A corporalidade dos palhaços nessa dança inclui uma elaboração fraterna do gesto, que gera o abraço, aproximando palhaços, foliões e devotos. Essa dança descreve também as aventuras desses atores gerando uma representação cômica e uma brincadeira com o corpo e com jogo da máscara. Ocupando uma posição diferenciada na folia, os palhaços ora negam o sagrado e ora afirmam protegendo-o, assim

eles constroem e elaboram conhecimentos dentro do fazer coletivo da folia, o qual gera significado a cada experiência vivida, firmando funções e organizando a vida social.

A movimentação é simples e inicia quando um dos palhaços chama o companheiro para dançar. Primeiro cada palhaço começa a dançar com seu dourado e aos pouco vão se aproximando até que os dourados se encontrem. Em seguida os palhaços se abraçam e juntos iniciam a dança Moinho, jogando seus corpos para um lado e para o outro, sempre no andamento da música. A dança é realizada num curto período de tempo, depois os dançarinos se soltam e voltam a dançar sozinhos acompanhando a música com seus dourados, mais uma vez, batendo-os no solo.

As danças dos palhaços dentro do fazer musical da Folia de Reis é um forte componente desse contexto musical. Elas nos foram reveladas no momento que surgiram pessoas que sabiam de sua existência e pagaram para vê-los dançarem. E assim, percebemos que o papel do palhaço, em meio às danças, perpassa pela integração dos devotos à folia, o qual é feita por cantos de improviso ou danças. Se por acaso não houver pedido de dança, os palhaços dançam assim mesmo com seus dourados, seja se abraçando, pulando ou soltando risadas. A folia sem esses atores se torna, depois que os conhecemos, incompleta. Percebemos o quanto o som dos dourados, as vozes fortes dos palhaços e suas brincadeiras preenche a performance. Dessa forma, esse mundo foi se mostrando para nossos estudos, pelos gestos em cada dança, pelos movimentos intencionais integrados de sons, corpos e instrumentos. Em um percurso expressivo os movimentos se conectam às frases musicais em um movimento de deslocamento espacial e temporal, de um corpo físico a uma intenção expressiva.

Inscrições para uma breve despedida

O ritual da Folia de Reis termina quando os foliões despedem do dono da última casa visitada em dia de jornada, nesse momento, depois do embaixador cantar e abençoar o presépio todos no recinto rezam e agradecem pelo dia de jornadas. No caminho de casa a bandeira é recolhida, os instrumentos dos foliões não soam e o que se escuta são causos e despedidas entre os foliões. Da mesma maneira também fechamos um ciclo de caminhada a qual nos possibilitou compreender sobre essa prática social rica de relações e sentido que emerge da corporalidade dos sujeitos, que se materializa em processos rituais e festivos, que expressa a partilha e a produção cotidiana de experiências

e saberes sociais. Mergulhamos nessa prática vivente e presente que impulsiona pessoas e instrumentos nos territórios brasileiros.

Apresentamos uma descrição que se sustenta em relacionamentos, em regras cerimoniais e rituais. Destacamos a Festa de Reis como processo de produção histórica e cotidiana da vida, do envolvimento e da partilha que emerge modos de participação enraizados em uma história e em um território comum. Enfatizamos a Folia como prática social, que se expressa com os sentidos de engajamentos, de fé, de trabalho, de festa, de organização, de disciplina e de divertimentos. Para entendermos essas especificidades ampliamos a relação entre pessoa-pessoa para pessoa e seus instrumentos direcionando nossas lentes aos instrumentos sonoros, investigando esse lugar que gera produção de conhecimento antropológico.

Na folia, objetos sonoros, danças, versos, cantos, ritos e sentidos se relacionam. Os foliões compõem e são compostos em uma sonoridade que dá forma às “jornadas” que envolvem as pessoas em um sistema de relações e de interações. Assim, encontramos na Folia de Reis um envolvimento solidário convertido em musicalidade e fé, fazendo emergir sentimentos comuns e modos de percepção da vida e do cotidiano, potencializando que pessoas se reconheçam em experiências comuns e identitárias. Cantar e dançar configuram-se como processos identitários, modos de ser e de viver. A Festa da Folia de Reis São Francisco de Assis, elaborada e reelaborada por diversas gerações vem entrelaçando cotidiano e história; presente, passado e futuro, produzindo relações vividas para a tradição. Como narrativa, seus ritos contam uma história que entrelaça o sagrado ao cotidiano, revelando uma realidade que se produz e se reproduz como experiência ética e estética.

A festa da folia constitui um sistema de relações que se realiza em movimentos e habilidades em um território de sentido. Ao descrever a Folia de Reis, realçamos um território comum em que a presença dos materiais sonoros media modos de comunicar à folia e suas relações. As relações que decorrem nos possibilitam reconhecer modos de viver em uma diversidade de acontecimentos, saberes, práticas e organização social. Vimos uma riqueza de entrelaçamentos, avivada na musicalidade dos foliões, compondo formas infindáveis de pessoas e coisas se situarem e se relacionarem no mundo por diferentes caminhos e maneiras de viver. Tudo isso retrata marcas de uma história vivida que continua se envolvendo com as coisas, gerando ritos, saberes e habilidades, que por meio das relações, amplia histórias de vida.

A riqueza do *Dourado*, nessa prática social, aponta o quanto esse objeto, personificado, é criado com base de “*Ser Palhaço*”. O desenho do *Dourado*, diz sobre sua maneira de uso, em conexão com os palhaços, promovendo as danças e as relações. Assim, o *Dourado*, tão expressivo quanto os dançarinos, ambos se complementam e se amparam mutuamente. Na Folia de Reis encontramos uma riqueza de relações, cuja centralidade de sentidos emerge da corporalidade dos sujeitos, materializada em processos rituais e festivo. Nela se manifesta a partilha e a produção cotidiana de experiências e saberes sociais. Como experiência vivida, toda a *performance* da Folia não tem como objetivo ser uma representação de eventos, mas envolver as pessoas para o ato expressivo.

A maneira que os objetos sonoros mediam as relações na Folia de Reis é um projeto que iniciamos nessa tese, mas que pretendemos levar adiante de forma mais abrangente posteriormente. Interessou-nos, por isso, compreender a relação dos objetos sonoros em outras práticas musicais tradicionais às quais possam enriquecer nossa compreensão a partir do processo de construção das histórias que narram sua existência e as suas características práticas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis** – Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2008. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – UFRJ / IFCS / Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2008.
- BLACKING, John. **Música, cultura e experiência**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 16, p. 2001 - 218, 2007.
- CHAVES, Wagner. **Na Jornada de Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reis do Mestre Tachico**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal Rio de Janeiro, 2003.
- DEBORTOLI, José. Alfredo; SAUTCHUK, Carlos. Emanuel. *Técnica, Corpo e Arte: Aproximações entre Antropologia e Motricidade*. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.2, jun/2013.
- DIOMAR, Oswaldo. História de Carmo do Cajuru. 2ª edição, 2000. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume XXIV, 1958. IBGE.
- INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimentos e descrição**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2015.

- _____. Trazendo as Coisas de Volta à Vida: Emaranhados Criativos num Mundo de Materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37: 25-44, jan./jun. 2012.
- LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. EDUFBA-EDUSC, Salvador, 2012.
- LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra. Memória e ritmos**. Emanuel Godinho (trad.), Edições 70, Lisboa, 1965.
- LUCAS, Glaura. Chor'ingoma! Os instrumentos sagrados no congado dos Arturos e do Jatobá. **Música Hoje**. Belo Horizonte, Vol 7: 10-38, 2000.
- _____. **Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2002.
- MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo. Sociologia e antropologia*. Editora Cosac & Naify. São Paulo. p. 399-424. 2003
- PINTO, Tiago Oliveira. **Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2001, v. 44 nº 1.
- STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Editora Cosac Naify, São Paulo, 2014.
- TOREN, Cristina. Uma antropologia além da cultura e da sociedade: Entrevista com Christina Toren. **Revista Habitus**. IFCS – UFRJ. Vol. 11 – nº 2013.